



Inesquecível Edgar Wallace

O rei dos romancistas policiais criou personagens fascinantes,
mas nenhuma como ele próprio

PARA um garotinho louco por aventuras, Edgar Wallace era o homem mais fascinante que se podia imaginar. Foi em 1915 que nos conhecemos, onze anos antes de ele se tornar famoso. Tinha 40 anos e eu 9, mas me tratava como se não houvesse nenhuma diferença entre nós.

Inúmeras vezes, fui de manhã ao seu apartamento perto da Baker

NIGEL MORLAND

Street, em Londres, acompanhado de minha mãe – amiga da família e sua indispensável assistente, capaz de cuidar dos negócios que ele não confiava a mais ninguém. Assim que chegávamos, Edgar me chamava ao seu estúdio para uma séria discussão sobre o que iria escrever naquele dia. Adorava ter

uma platéia e, com dramática encenação, costumava me descrever o andamento do romance que estava escrevendo, deliciando-se com o meu espanto diante das súbitas alternativas da história. Se eu tentava convencê-lo a me revelar a identidade do assassino, ele ria e explicava que só a saberia ao certo nos últimos capítulos. «Pensa que só os meus leitores se divertem, Nigel? Faço também um pouco de mistério para mim mesmo.»

Fisicamente, Edgar era o homem mais preguiçoso que já existiu; certa vez em que estava comigo, até chamou um táxi para nos conduzir de um lado a outro de Grosvenor Square – enfim, para atravessar uma rua! Mentalmente, no entanto, era o trabalhador mais incansável que já vi. Escreveu 173 romances, 22 peças, centenas de contos e seriados, e inúmeros artigos sobre praticamente todos os assuntos. Diziam que ele ditava simultaneamente um romance a uma secretária e uma peça a um ditafone enquanto escrevia ele próprio um artigo. Havia até uma anedota de que, um dia, um editor de jornal lhe telefonara e ouvira de sua secretária o seguinte: «O Sr. Wallace começou a escrever um livro e não pode ser incomodado.» Ao que o editor comentou: «Não desligue, que eu espero.»

NIGEL MORLAND já escreveu aproximadamente 300 romances policiais, publicados sob os mais diversos pseudônimos.

A anedota, porém, não estava muito longe da verdade. Edgar escrevia um mínimo de 10 mil palavras por dia útil e 12 mil aos domingos. Escrevia a mão as primeiras dezenas de páginas de um livro, perdendo mais tempo com o primeiro capítulo do que com todo o resto. «Faça com que o começo saia direito», aconselhou-me, «e o livro estará praticamente pronto.»

Uma vez satisfeito, ele poria a pena de lado e ditaria uma média de 2.400 palavras por dia, durante 36 horas a fio, fazendo alguns intervalos de 10 minutos para uma soneca. Vi-o começar seu romance *The Devil Man* numa noite de sexta-feira e terminá-lo na segunda de manhã, e dar o retoque final numa de suas peças, *On the Spot*, em apenas quatro dias.

Ditando romances com a rapidez de uma metralhadora, Edgar desafiava até a perícia de seu secretário Robert Curtis, campeão europeu de datilografia, que tinha de se desdobrar para transcrever as pilhas de cilindros de ditafone. Curtis era inestimável; a ele eram confiados aqueles cansativos detalhes, como a pontuação e a correção de certos equívocos que podem acontecer a quem dita muito depressa – como a heroína que, no começo, se chamava Joan e depois reaparecia como Mary, ou ainda como o apartamento situado no andar errado de um edifício.

Os romances de Edgar lhe renderam uma fortuna. No fim da

década de 20, os direitos pagos por seus editores já chegavam a 20 mil libras por ano. Peças como *The Ringer* e *On the Spot* eram tão populares que, a certa altura, ele teve quatro produções sendo levadas simultaneamente no West End de Londres. No entanto, nunca conheci uma época em que Edgar não vivesse acima de suas posses. Mesmo quando ganhava mais de 50 mil libras por ano (o que era muito dinheiro naquele tempo) costumava mandar seu chofer ir de Rolls Royce à bilheteria de um teatro que levasse peças suas, a fim de fazer um vale. As contas eram, para ele, um mistério, e o imposto de renda uma amolação que, se ignorada, talvez desaparecesse. Edgar simplesmente não conseguia entender por que não deveria gastar o dinheiro, já que o ganhava – e os gastos de Edgar Wallace, como tudo que ele fazia, eram exageradíssimos.

Adorava gastar dinheiro sem sentido, fosse comprando carros para cada membro de sua família e para seu secretário, fosse duplicando espontaneamente os salários dos atores de suas peças. Convidava 400 pessoas para uma festa no Carlton Hotel ou dava recepções enormes num camarote particular na semana de Ascot. O dinheiro, porém, nunca empanou sua consideração pelos outros. Seu grande amigo Sir Patrick Hastings irritou-se certa vez quando ele mandou distribuir gratuitamente aos seus convidados ingressos para

a tribuna no hipódromo de Ascot. «Posso comprar o meu próprio ingresso», observou o convidado. «Claro que pode», respondeu Edgar, «mas ali naquele canto há um ator e sua mulher, que não podem. Quer que eu os faça sentir como se estivessem recebendo uma esmola?»

Sua espetacular hospitalidade só se comparava ao seu padrão de vida. Em suas férias anuais na Suíça, a comitiva ocupava pelo menos 12 quartos – nos melhores hotéis. Edgar e a segunda mulher, Violeta, a quem ele sempre chamava de «Jim», mantinham uma equipe de 22 empregados, alguns num luxuoso apartamento em Portland Place, perto do Regent's Park, em Londres, e os outros em sua casa de campo, Chalklands, que se estendia por 16 hectares em Bourne End, Buckinghamshire.

Chalklands estava sempre cheia de amigos, todo o fim de semana. Edgar adorava ir para lá, com Jim e as quatro crianças, reunir todos à mesa para o ritual almoço dominical de rosbife e pudim de Yorkshire, e encenar alarmes de incêndio para que todos pudessem se divertir, saltando sobre a lona de bombeiros que ele mandara instalar junto à saída de emergência. Embora pudesse ditar artigos em qualquer lugar (trens, táxis e até na primeira fila dos teatros, durante o ensaio de uma peça), era no seu estúdio, no burburinho de sua família, que as suas peças e contos tomavam forma.

Durante todos aqueles anos em que o tive como amigo e mestre na arte de escrever, sempre me pareceu que nenhum dos seus romances era tão excitante como as histórias verídicas de sua extraordinária carreira. Ele nascera em Greenwich, no Dia dos Bobos, em 1875, filho ilegítimo da atriz Polly Richards, a qual mencionou um fictício «William Wallace, ator» como seu pai, na certidão de nascimento. Com nove dias de idade, foi aceito e mais tarde adotado por George Freeman, peixeiro de Billingsgate, e criado pela Sra. Freeman como um dos dez filhos.

Parando de estudar aos 12 anos, trabalhou como aprendiz de tipógrafo, jornalista, empregado de sapataria, cozinheiro num bar de pesca, entregador de leite e operário de construção. Então, alistou-se no exército e serviu com o Corpo Médico na África do Sul, onde chegou a ser conhecido como «o poeta soldado». Deixando o exército, tornou-se correspondente da agência Reuter durante a Guerra dos Boers e conheceu o mundo como repórter do *Daily Mail* de Londres, enquanto escrevia o seu primeiro romance, *Os Quatro Homens Justos*.

Mesmo no ápice de seu sucesso como romancista e teatrólogo, o jornalismo continuou a ser a sua verdadeira vocação. «Antes e depois de mais nada», ele me disse, «sou um repórter.» Sua produção jornalística sempre excedeu até a sua prodigiosa quantidade de ro-

mances, e ele considerava uma espécie de orgulho profissional nunca deixar de cumprir os prazos. Seu esconderijo favorito era o Clube da Imprensa e, ao ser eleito seu presidente, em 1923, disse que fora aquela a maior honra de sua vida.

Quando jovem, nada me agradava mais do que ser o seu menino de recados, levando a qualquer jornal o último capítulo de um folhetim que ele me entregara, com estritas instruções de trazer o cheque. O entusiasmo popular por Edgar Wallace era tão insaciável que não foi raro ele ter quatro folhetins sendo publicados simultaneamente. Certa vez, vi-o terminar um capítulo de duas mil palavras para a revista *Answers*, enquanto o mensageiro esperava, e, em seguida, passar a um capítulo de outro seriado para a revista *John Bull*. Não tinha ilusões sobre este tipo de trabalho. Em sua biografia de Edgar Wallace, Robert Curtis recorda que um crítico certa vez perguntou a Edgar, com ar de superioridade, qual era a utilidade de um escritor policial. «Meu jovem», respondeu, «já mantive mais mulheres acordadas do que qualquer homem.»

Em 25 países, os leitores que compravam seus livros o conheciam pelas inúmeras fotos que sempre o apresentavam de perfil e em silhueta, o que conferia à sua figura um ar de mistério; mostravam um homem bonito com uma cabeça de senador romano, pene-

traentes olhos azuis e uma piteira de mais de 20 centímetros pendendo de sua boca. Era o protótipo de um perito em crimes – duro, esperto, capaz de enfrentar qualquer vilão –, mas por baixo dessa aparência estava um homem sujeito a influências psíquicas. Dizia ter sonhado muitas de suas histórias, e acreditava no que chamava de *força do pensamento criativo*. «Creio possível receber comunicações dos mortos... um estímulo tácito e invisível», escreveu.

Por mais ocupado que estivesse, Edgar sempre tinha tempo para os problemas dos outros, fossem estes ex-presidiários tentando se regenerar, ou jovens escritores em busca de conselhos. Disse a romancista Pamela Frankau, recordando como havia se beneficiado da orientação de Edgar: «Sua generosidade era de espírito; ele dava de si próprio exatamente como gastava dinheiro.»

Edgar nunca se esqueceu da pobreza que experimentara na juventude e, de bom grado, dava cheques em branco ou emprestava dinheiro, mantendo secretamente uma espécie de «Contas dos Amigos». Certa vez, conversando com um garçom, ouviu deste sua preocupação a respeito de uma hipoteca de 250 libras, prestes a vencer, sobre a casa de sua mãe. Quando Edgar se retirou, o garçom encontrou um cheque daquela importância debaixo do prato.

Em matéria de comida, suas preferências eram bem simples.

Quando trabalhava até altas horas, uma criada lhe levava pratos de arroz-doce. Os atores que atuavam em suas peças nunca deixavam faltar nos camarins os bolinhos e cerejas que ele tanto apreciava. Em compensação, raramente tomava qualquer bebida mais forte, preocupando-se ainda em «aconselhar» os amigos que, segundo pensava, estariam bebendo demais.

Dava grande importância ao conforto. Seu mais famoso traje de trabalho era um roupão de seda estampada, mas, quando fazia frio, metia-se num roupão de veludo que minha mãe lhe fizera, e calçava chinelos de pele. Tinha pavor de correntes de ar, calafetava muito bem todas as janelas e portas, e usava botas de cano alto para impedir qualquer resfriado. Além disso, mandou fazer uma espécie de cabina de vidro, a fim de ficar mais abrigado enquanto trabalhava.

Para não ser obrigado a se levantar de sua poltrona vermelha, teve a idéia de mandar fazer uma bandeja com rodas, de modo que as xícaras de chá pudessem chegar facilmente ao seu alcance. Gostava tanto de chá fraco e doce que tomava pelo menos 30 xícaras por dia.

Quando se viu na obrigação de mandar fazer uma escrivania com uma curva especial onde acomodar seu crescente abdome, Edgar admitiu com relutância que precisava praticar algum exercício.

Como nunca se contentava com meias medidas, pediu ao alfaiate que lhe fizesse um macacão de *tweed* e encomendou a uma loja um par de sapatos de couro cru bem pesados e uma grossa bengala. Na manhã de sua estréia como «atleta», a família e os amigos se reuniram com grande expectativa diante de sua casa. Aceitou graciosamente para a multidão e pôs-se a correr moderadamente, seguido de perto pelo chofer no Rolls Royce.

Fascinados pelo insólito espetáculo de vermos Edgar usando as pernas, observamos quando ele cobriu talvez uns 200 metros; então, parou, entrou no carro e foi trazido de volta. Mais tarde, confortavelmente refestelado em sua poltrona favorita, deu o veredicto sobre a experiência: «Prefiro ser gordo.»

Edgar era um eterno otimista. Só mesmo ele teria tentado convencer um coletor de impostos de que, para um jornalista que escrevia sobre corridas de cavalos, o custo de manutenção de uma coudelaria deveria ser dedutível do seu imposto de renda. Por mais desesperadora que fosse a sua situação financeira, era sempre capaz de provar que estava tudo bem. Numa coluna relacionava suas dívidas; na outra, uma longa lista de títulos de romances e os respectivos pagamentos a receber. Quando as duas colunas eram somadas, a diferença parecia ser de alguns milhares de libras a seu

favor. Não seria de bom tom lembrar-lhe que muitos daqueles títulos eram simples idéias para romances que ele ainda não havia escrito nem vendido — mesmo porque esses romances, *de fato*, não demorariam muito a ser escritos, nem o dinheiro a ser recebido e ele a voltar a gastar mais do que ganharia.

Nunca perdeu o ânimo, mesmo quando as coisas pareciam ir mal: «De que serve nos aborrecermos?» perguntava ele. Frequentemente, ouvia-o dizer que, ao acordar, sempre agradecia a Deus por ainda estar vivo. Atirava-se aos jornais da manhã, e lia cada linha para saber o que o mundo tinha feito enquanto ele dormia. Possuía uma insaciável curiosidade sobre a vida. «Há algo a se aprender de tudo e de todo mundo», dizia.

Chamavam-no de «fábrica de livros», embora o ato de escrever não conseguisse consumir todas as suas energias. Além de criar seus romances, peças, contos, seriados e artigos, conseguia ainda produzir as próprias peças, ser presidente da British Lion Films Corporation, dirigir um ou outro filme, editar durante algum tempo o *Sunday News* e até ingressar (sem muito sucesso) na política.

Não há a menor dúvida de que Edgar também teria dado certo como roteirista cinematográfico. Quando o vi pela última vez, no fim do verão de 1931, estava pensando em aceitar um contrato com a RKO e mudar-se para Hollywood

em novembro. Como era típico dele, chegou ao estúdio num sábado, perguntou que espécie de histórias esperavam que escrevesse, e entregou a primeira na segunda-feira pela manhã. Em nove semanas que lá permaneceu, escrevera um filme que ainda hoje é considerado um clássico do cinema: *King Kong*. Uma espetacular e nova carreira se abria à sua frente, mas, em fevereiro de 1932, morreu subitamente de pneumonia dupla.

Eu estava no cais quando o *Berengaria*, com a bandeira a meio-pau, trouxe seu corpo para a Grã-Bretanha. Em Fleet Street, rua onde funcionam os maiores jornais ingleses, os sinos da igreja plangiam em sua homenagem. Dizia-se que sua morte fora considerada como uma perda pessoal pelo maior número de leitores que qualquer escritor moderno pudesse ambicionar. *The Times* publicou o seguinte: «Edgar Wallace se tornara um hábito. Para muitos, não era apenas ponto de honra, mas necessidade, ler tudo o que ele escrevia. Os leitores nunca se cansavam de seus criminosos, armas, venenos, jóias e casas sinistras — enfim, todos os ardis, mistérios, perigos e horrores que ele conseguia arrancar de si.»

Embora os rendimentos nos últimos 20 anos de sua vida tivessem

atingido um milhão de libras, Edgar morreu insolvente, com 134 mil libras de dívidas; no entanto, em menos de dois anos, os direitos de seus livros deram para pagar a todos os credores, e a demanda por eles nunca minguou. De 1932 para cá, houve pelo menos uns 150 filmes, baseados em livros como *Sanders of the River*, *The Squeaker* e *The Case of the Frightened Lady*. As histórias compactas de Edgar também se revelaram ideais para a televisão: seriados como *Os Quatro Homens Justos*, *Contos de Edgar Wallace* e *The Mind of Mr. J. G. Reader* foram dublados em muitas línguas. Quatro décadas após sua morte, as vendas de seus livros em escala mundial chegaram à incrível soma de 20 milhões de exemplares. Ele me disse certa vez: «Se alguém acabar de ler um livro e disser 'puxa, este romance é ótimo!', não haverá elogio que mais me agrade.»

Acho, no entanto, que o tributo que ele mais teria valorizado seria a placa que seus colegas jornalistas colocaram em Ludgate Circus, perto da Fleet Street. Sob seu busto de bronze, erigido exatamente no local em que, quando menino maltrapilho, ele vendia jornais, está a legenda: EDGAR WALLACE, REPÓRTER. À LITERATURA DEU O SEU TALENTO, MAS AO JORNALISMO DEU O CORAÇÃO.

«DIZE-ME o que lêes, e eu te direi quem és», é um ditado bastante verdadeiro — mas eu te conheceria ainda melhor se me disseses o que releste.